

## A POLARIZAÇÃO PROVÁVEL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor*, 24.5.1989

O quadro sucessório está agora praticamente definido. Já sabemos quem são os candidatos e as últimas pesquisas de opinião pública definem a posição dos contendores no momento da largada. Temos na linha de frente três candidatos - Brizola, Lula e Collor -, na segunda, Covas e Ulysses, e na terceira os demais. Este quadro deverá ainda sofrer alterações substanciais, mas a partir dele é possível fazer-se uma primeira análise, tendo como referência a profunda crise em que está imersa a economia e o Estado Brasileiro.

Apesar de toda a confusão reinante no país, que naturalmente se reflete na tomada de posição de cada eleitor, parece evidente que os setores mais representativos e influentes da sociedade brasileira - setores burgueses, de classe média e de trabalhadores - estão muito insatisfeitos com a perspectiva de que dois dos três primeiros colocados no momento passem do primeiro para o segundo turno. Collor é um populista de direita, Brizola, um populista de esquerda, Lula, um candidato da esquerda excessivamente comprometido com o corporativismo sindical e com posições radicais de esquerda que apenas recentemente começaram a ser moderadas. Nenhum dos três oferece um mínimo de segurança para a Nação num momento em que segurança, estabilidade são mais necessários do que nunca.

Diante dessas perspectivas parece razoável prever que amplos setores de centro-esquerda e de centro-direita tentarão, ainda no primeiro turno, definir um candidato que tenha condições de polarizar as atenções do eleitorado com um dos três hoje na dianteira. Ora, os candidatos que hoje têm melhores condições para desempenhar esse papel são Mário Covas e Ulysses Guimarães.

O Dr. Ulysses tem a seu favor ter sido o principal líder da oposição democrática durante o período autoritário e contar com o apoio de um partido nacional e da grande maioria dos governadores. Mas, apesar de suas qualidades pessoais, tem contra si uma enorme rejeição popular causada pelo apoio que deu ao presidente Sarney e à tese dos cinco anos. Nesse processo fisiológico de participação em um governo que alcançou os maiores índices de impopularidade de que se tem notícia no Brasil, o PMDB

desmoralizou-se. A reaproximação de Ulysses Guimarães dos setores mais ideologicamente definidos do PMDB, através da escolha de Waldir Pires para a vice-presidência, não mudará substancialmente esse quadro, já que sua aliança básica continua a ser feita com os setores clientelistas de centro-direita do partido.

Mário Covas, por sua vez, tem contra si ainda não ser muito conhecido nacionalmente e o PSDB ser um partido recém-fundado, embora já tenha a terceira bancada no Congresso. A seu favor, entretanto, temos um conjunto de fatores muito fortes. Teve sempre grandes votações nas eleições das quais participou. Tem uma grande capacidade oratória, inclusive na televisão, como pode ser novamente comprovado no recente programa do PSDB. Realizou uma administração exemplar na Prefeitura de São Paulo da qual derivou grande popularidade; essa popularidade é especialmente grande na periferia da cidade que recebeu tratamento prioritário. Na Assembléia Constituinte, teve papel decisivo na definição de uma constituição progressista e equilibrada. No Congresso foi o líder mais importante da campanha contra os cinco anos de Sarney. Teve sempre uma carreira pública moralmente acima de qualquer suspeita. Projeta uma imagem de segurança e autoridade. Tem claros compromissos com os trabalhadores e com uma posição ideológica de centro-esquerda, social-democrata. O PSDB, sob sua liderança, aprovou um programa objetivo e corajoso, que enfrenta com clareza os principais problemas econômicos e sociais do país e oferece diretrizes claras para sua solução.

Ora, essas suas qualidades tornam Mário Covas um candidato especialmente capacitado para polarizar os votos da centro-esquerda e da centro-direita no Brasil. É ele quem tem condições ideais para realizar o grande acordo social de que o país necessita, e, ao mesmo tempo, tomar as medidas econômicas necessárias em relação à dívida externa e ao déficit público - medidas muitas vezes duras - que permitirão ao Brasil sair da crise em que se encontra.

Minha previsão, portanto, é a de que essa polarização se dar em torno de Mário Covas e não em torno de Ulysses Guimarães. Nos próximos dois meses, em função das prévias eleitorais, esse quadro já deverá estar bem mais definido.